



Auto-retrato

Pintura Feita de Luz

O artista chamado Tintoretto—que trabalhou em Veneza em sua Idade de Ouro—criou uma visão especial que tem influenciado gerações de pintores desde então

ERNEST O. HAUSER

OS ARTISTAS chamavam-no *Il Furioso* por causa da fúria criadora com que trabalhava. Foi conhecido também como “o pintor relâmpago”; um amigo que o admirava escreveu-lhe: “Brincando com o pincel você pinta uma figura humana em apenas meia hora.”

Jacopo Robusti, mais conhecido como Tintoretto, deixou ao mundo uma herança de mais de 700 qua-

FOTO: MARZARI



Milagre do Escravo TINTORETTO

dros, alguns de tamanho fantástico e cheios de figuras. Foi um dos grandes artistas criadores de todos os tempos, um revolucionário e um profeta. Muitos de seus melhores quadros, feitos com pinceladas impetuosas, parecem visões do sobrenatural. Mas Tintoretto não era um sonhador. Baixo, barba rala, sobrancelhas cerradas e hirsutas, êle podia ser o que hoje se chama de cavador. Mordaz de espírito, sua linguagem era rude e direta. “Para seu tamanho, você tem bastante agressividade — assim como um grão de pimenta”, exclamou um seu companheiro.

Tintoretto nasceu em Veneza em 1518, filho de um tintureiro, ou *tintore*. Conta a lenda que quando o menino começou a mergulhar as mãos nas tintas do pai e adornar as paredes da loja com suas primeiras “criações”, os vizinhos lhe chamavam *Il Tintoretto* (o tintureirozinho) e o apelido ficou. O pai reconheceu seu talento, e quando o menino chegou à adolescência colocou-o como aprendiz em casa do maior pintor de Veneza, Ticiano. Depois de alguns dias o mestre mundialmente famoso, percebendo nos desenhos de seu aluno a marca do gênio, disse-lhe num ímpeto de ciúme que não voltasse.

Decidido a aprender, o môço detinha-se na Praça de São Marcos ajudando artesãos a pintarem arcas de casamento. Progredindo, entrou para um grupo de pedreiros, cujo trabalho incluía o fornecimento de um artista para decorar as novas fachadas com pinturas. Aos 21 anos Jacopo era um artista independente, que exhibia seus quadros na Merceria, a rua comercial mais importante, e aceitava tôdas as encomendas que lhe apareciam.

Rica pelo comércio, a cidade-ilha de Veneza vangloriava-se da civilização mais luxuosa e exuberante do mundo ocidental. As artes florescia-

e a cidade pululava de pintores de alta categoria, que competiam ferozmente entre si. Um rapaz com esperanças de vencer com o pincel e a paleta tinha de ser realmente bom.

Jacopo praticava incessantemente, desenhando cabeças e corpos humanos de modelos vivos ou de alguma escultura em gêsso que encontrava no mercado dos artistas. Às vêzes pendurava do teto um braço ou perna de gêsso ou uma figura completa e desenhava um anjo em pleno vôo! Logo êle aprendeu a desenhar de memória uma figura humana em qualquer pose.

Para aperfeiçoar sua técnica, fazia



Anunciação TINTORETTO

também figurinhas de cêra, vestia-as de tecido colorido e colocava-as numa casinha de brinquedo que êle mesmo fêz. Escurecendo o quarto, fazia um raio da luz da vela cair sobre elas por pequenos orifícios, ora de um ângulo, ora de outro. Assim encontrava o modo mais dramático de arrumar as figuras, a luz e as sombras para dar vida a um "quadro".

Tintoretto tinha apenas 30 anos quando chamou a atenção do público com uma das composições mais dramáticas já saídas do pincel de um artista. Pintada a óleo numa tela imensa de 4,09 por 5,33 metros, ela ilustra a lenda em que São Marcos, o santo padroeiro de Veneza, desce do céu para salvar um escravo da tortura. A vítima, despida, jaz em terra, o corpo apresentado em arrojado escôrço. Uma multidão de homens e mulheres gesticulando, em coloridos trajes orientais, observa a quebra miraculosa dos instrumentos de tortura e dos grilhões. Com o santo voando acima, a ação é tão rápida que todo o quadro parece vibrar de expectativa.

Mal o *Milagre do Escravo* foi emoldurado pela Escola de São Marcos, uma das seis grandes confrarias de caridade da cidade, transformou-se em foco de debates. As inovações ousadas—as posturas dramáticas e "deformadas" das figuras, a cena agitada, as côres arrojadas, a luz fantástica—eram admiradas por muitos, criticadas por outros. Mas Tintoretto ficara famoso. O quadro é até hoje um dos mais célebres do artista.

O mundo estava mudando. Ao norte dos Alpes a Reforma marchava de vitória em vitória. Os homens sondavam suas almas, valôres há longo tempo aceitos ruíam por terra. Produto de um mundo em efervescência, Tintoretto havia encontrado uma nova maneira de dizer coisas.

Os refinamentos tradicionais da pintura cada vez mais eram postos de lado. Os quadros de Jacopo muitas vêzes pareciam tortos, poucas composições suas eram simétricas. Desdenhando o costume de cobrir a tela com diversas camadas transparentes de tinta fina, êle usava tinta espêssa, aplicada em pinceladas rápidas. Sua maestria da forma humana, a duras penas conseguida, permitia-lhe improvisar, derramar sua "visão" diretamente na tela. Se errava, depressa corrigia o êrro. Os críticos consideravam sua pintura desleixada, mas essa espontaneidade dava às suas criações uma vida nunca antes vista nas artes visuais.

Muitos dos grandes quadros religiosos de Tintoretto foram pintados sem outro pagamento que o custo dos materiais. As encomendas comerciais eram assunto diferente. Seus retratos eram muito solicitados e o preço médio de 20 ducados era alto para o tempo. Quando um nobre alemão se "esqueceu" de lhe pagar, êle perguntou bruscamente: "Como se diz 'dinheiro' na sua língua?" Muitos de seus retratos de capitães marítimos e doges, embaixadores e mercadores, foram evidentemente feitos às pressas, pelo dinheiro. Ou-

tros são estudos psicológicos brilhantes. Os venezianos, notando a qualidade irregular da obra de Tintoretto, pilheriavam dizendo que êle pintava com três pincéis: um de ouro, um de prata e um de ferro.

A mulher de Jacopo, Faustina de Vescovi, era filha de um cidadão abastado e distinto. Orgulhosa do marido, ela mandava fazer roupas bordadas para êle, mas êle preferia as mais simples. Durante todo o longo e feliz casamento Jacopo nunca deixou de lembrar com bom humor sua origem humilde. Tiveram oito filhos. Os três homens foram pintores e a filha mais velha, a loura Marieta ("la Tintoretta"), foi excelente retratista.

Num sossegado canal de Veneza ainda pode ser vista a casa vermelha de quatro andares—agora dividida em apartamentos pequenos—onde Tintoretto viveu. Confortável e grande, a casa era sempre alegre e cheia de vida. Jacopo gostava de divertir os amigos e a família com improvisações musicais no alaúde e em diversos instrumentos inventados por êle. No estúdio, localizado nos fundos da casa, Jacopo passava longas horas com as persianas fechadas fazendo experiência com a magia da luz artificial. Êle admirava Miguel Ângelo, que então trabalhava para o Papa em Roma; tinha visto desenhos das pinturas dêle e mandou buscar reproduções de suas esculturas mais famosas. "O desenho de Miguel Ângelo e as côres de Ticiano", proclamava um cartaz na pa-

rede, um grito de guerra que soava como um desafio.

Mas êle cansou-se de ouvir dizer que Ticiano era melhor. "Olhem", disse um dia surpreendendo um grupo de entendidos, "eu adquiri um dos melhores quadros de Ticiano." Êles ficaram maravilhados com a tela que êle tinha na mão, indubitavelmente uma das melhores do grande mestre! Jacopo pegou uma esponja calmamente e retirou a pintura, mostrando embaixo um original magnífico dêle próprio. "Eu fiz aquêle 'Ticiano' em cima de uma pintura minha que não prestou", explicou êle com um sorriso.

O culto de um santo do século XIV, São Roque, florescia em Veneza naquela época; a confraria beneficente de São Roque era uma instituição próspera quando decidiu mandar decorar a sua sede. Jacopo, possuído do ímpeto de criar e reconhecendo a oportunidade que se abria, pleiteou o trabalho com sua determinação habitual. Recebeu a encomenda, fazendo um quadro admirável do Santo na Glória antes que os rivais tivessem tempo de exhibir seus esboços.

Nos 23 anos seguintes, com interrupções, Jacopo trabalhou em São Roque. Pintou 50 e tantas grandes telas com cenas da Bíblia para as paredes e os tetos de dois salões enormes e da hospedaria—transformando assim o prédio em um dos maiores museus de arte do mundo. Com o passar dos anos, a beleza exterior de seus quadros era cada vez mais eclipsada.

sada por seu conteúdo espiritual. Era uma arte abstrata de fé fervorosa. E era também arte para o povo. A jovem Virgem Maria na *Anunciação* é uma camponesa: sem beleza, sem adornos, devota. Os anjos que abrem o túmulo de Cristo na *Ressurreição* são musculosos carregadores que realmente fazem força para levantar a grande pedra. E os Discípulos na *Agonia no Hôrt* são pescadores da Lagoa, adormecidos após um dia duro de trabalho.

Jacopo foi convidado para fazer parte da confraria e tornou-se membro da diretoria. Logo renunciou a todos os pagamentos por seu trabalho em troca de uma pensão vitalícia de 100 ducados por ano. Em sua velhice pilheriava dizendo que gostaria de viver "outros mil ducados".

Seu gênio criador não o deixava descansar. Aos 70 anos foi encarregado de pintar uma vista do Paraíso para o Palácio dos Doges. O resultado continua sendo uma das melhores obras-primas da arte italiana. Considerado o maior quadro a óleo que existe, o *Paraíso* mede 22,55 m por 9,14 m. Contém cerca de mil figuras pairando em névoa. Jacopo teve de pintá-lo em pedaços, depois cosê los e dar ao trabalho colossal os retoques finais depois de montado.

Um auto-retrato feito por essa época mostra Tintoretto de cabelos brancos, cheio da sabedoria e da dignidade dos anos, olhando o mundo com os olhos fixos, escuros, insondáveis. Nesse tempo êle passava horas em meditação na igreja de sua paróquia, a alma cheia daquela luz extraterrena que por muitas décadas seus quadros haviam refletido. Em seu último trabalho, *A Última Ceia*, um esplendor místico envolve tôda a cena, quase dissolvendo a realidade e transformando-a numa visão da união espiritual do homem com Deus.

Jacopo morreu de um ataque de febre em maio de 1594. Uma multidão de acompanhantes — pintores e músicos, capitães e senadores e a gente simples da Lagoa — seguiu seus restos mortais à igreja da paróquia da Madonna dell'Orto, onde uma simples laje de mármore ainda marca sua sepultura. A Idade de Ouro da pintura veneziana terminou com êle. Mas seu gênio continuou vivo; poucos pintores tiveram influência tão grande nos futuros seguidores de sua arte. El Greco, Rembrandt e os impressionistas franceses, todos retomaram o pincel que êle deixou, e como êle também puseram luz em suas telas, como lhes ensinou o filho do tintureiro.



DIZEM que quando perguntaram a Coco Chanel se ela aprovava os joelhos e coxas à mostra com as novas saias supercurtas, ela respondeu: "Coxas, naturalmente. Joelhos, nunca!"

—U. N. P.